

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 1 do 4.º Ano—N.º 151

Editor, Abel de Vasconcelos Gardoço

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 10 de Outubro de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

O nosso aniversário

Com o último número completou esta folha três anos de existência.

Não é ainda uma longa vida. Pode até afirmar-se que a «Alvorada» atravessa o período da sua infância, não descuidosa, alegre e feliz como a que gosaram os homens que nela trabalham, mas sim sujeita a desvelos, a dissabores, a contrariedades que a assinalam por forma a devermos considerá-la como um período de idade mais avançada, durante o qual, desfeitas já as milhores ilusões, se é obrigado a reflectir maduramente e a caminhar na estrada da vida com toda a precaução.

Somos simples amadores de jornalismo em terra de provincia. E esta circunstância, se bem que não possa tomar-se à conta de formal desculpa de erros que porventura cometamos, tem de considerar-se como atenuante digna de referência quando uma vez ou outra deixemos de observar rigorosamente os preceitos porque se regem os que do jornalismo fazem profissão.

Não obstante conhecermos bem de perto o meio em que vivemos, as suas tendências em aberto antagonismo com as nossas, os seus defeitos altamente prejudiciais para a colectividade porque deles provêm uma ilógica consequência de desconforto e animadversão que chega a divorciar-nos da confraternidade social, sempre tão útil, com outras terras que devem considerar-se as principais do país, preferimos não abdicar um só momento do nosso modo de ver, trilhando com segurança o caminho que a nossa razão nos impoz que trilhassemos, embora incorrendo às vezes na pena de desagrado que nos tem sido imposta por todos os que, constituindo a chamada parte pensante, ingloriamente lutam por manter na nossa terra uma atmosfera suspeita e uma lamentável desagregação.

Podíamos, por comodidade e interesse, seguir o caminho que outros tem seguido, chafurdando assim, com inaudita desvergonha, no infecto lamaçal onde se escondem tezouros de inestimável valor,—que paradoxo!—, tam apetecidos, tam necessários nestes tempos de suprema miséria, de última penúria, no dizer sempre gracioso e jesuítico com que certos jornais vão cerzindo artigos sem nexos, falhos de senso e de gramática.

Bastaria para isso que, uma só vez por semana, de rosto alegre e prazenteiro, empunhassemos o turbilho que contém todo o incenso reservado à imprensa vilanaz, irrisoriamente funambulésca, e começássemos a derramar o santo perfume por sobre as cabeças dos cidadãos que pudessem ser úteis à nossa... causa, sem curarmos de saber se estas criações etam na verdade dignas da distinção que lhes conferíamos. Mas não. O nosso fado é di-

verso. A sorte é vária, e porque o é, a nossa é uma, e a deles, a desses jornais cuja conduta por preço algum desejaríamos imitar, é outra.

Filiados no velho partido republicano português, ora triunfante, não podíamos deixar de obedecer às normas que com toda a franqueza temos seguido, conquanto discordemos num ou noutro ponto dos actos praticados por homens que, infelizmente, obliteram às vezes os princípios que constituem a base, o fundamento, a razão de ser da facção política em que militamos. E, embora Zola, o grande escritor francês, dissesse um dia que o triunfo da ideia mata a seita que a propaga, nós entendemos dever pugnar porque tal se não dê com relação ao partido que fez a República, visto que as circunstâncias especiais em que nos encontramos exigem que ele continue a viver forte e disciplinado para que possa realizar integralmente a sua patriótica missão.

A nossa consciência, três anos volvidos em luta acêsa contra tudo o que se nos tem afigurado digno de reprimenda, conserva-se tranquila e satisfeita, tranquilidade e satisfação que indicam que os nossos actos se conformaram sempre com a nossa vontade. Tanto basta para que nos sintamos dispostos a proseguir na mesma senda, sem vertigens de entusiasmos facéis, que podem prejudicar ainda as milhores intenções, mas de ânimo reflectido e sereno, como quem pretende ganhar posições inexpugnáveis.

Festa nacional

25 de Outubro em Guimarães

Não podendo negar-se que esta terra também faz parte da nacionalidade portuguesa, (pois que ela tem, na sua história, o privilégio e o orgulho de ser da Pátria o seu primeiro berço), justificado é que ela tome igualmente parte nas festas solenizadoras dum aucta palpitante e viva de patriotismo, como essa que consagra a passagem do 3.º aniversário da República.

O seu programa, modesto como foi, teve contudo o brilho dum número, sempre simpático e consolador, como foi o bôdo aos pobres, servindo só ele a testemunhar, pela sua significação altruista, que a República jámais esquece os deserdados, ainda mesmo nas suas horas de expansão festiva.

De resto, sons de músicas, ecos de foguetes, efeitos de iluminação, tudo isso fêz recordar a grandesa do triunfo revolucionário de 5 de Outubro de 1910.

O "CASO" DA BANDEIRA

Coisas miúdas

...mas de significação

A Associação Comercial esquecida que o 5 de Outubro é hoje, neste país, um dia de gala nacional, não fêz izar a bandeira no mastro que se ergue na fachada da sua sede.

E' evidente que nenhuma associação legalmente constituída pode ser coagida a manifestar regosijo por dactas nacionais. Queremos acreditar, todavia, que não tendo a Associação Comercial a veleidade de ostentar hostilidades contra o regimen, por certo que só um involuntário esquecimento justifica que a sua bandeira não fosse desfraldada, espontaneamente, sem coacções nem más vontades, como convinha aos seus intúitos patrióticos... e até mesmo bairristas.

Prova de que outro, diferente deste, não é nem pode ser o estado de espirito dos corpos dirigentes da prestante colectividade, é que a referida bandeira ainda no dia 5 ali tremulou, logo que alguém, com autoridade e com intelligência, lhes fêz notar o seu esquecimento — esquecimento, diga-se de passagem, que foi justamente salientado pela opinião pública, dada a qualidade da agremiação que é a Associação Comercial e ainda por se dar a circunstância de nenhuma outra colectividade local ter sentido a necessidade de lhe lembrar quão conveniente é cumprir preceitos officiais tam comesinhos...

ECOS

Até!...

Há quem faça as malas e emigre, para dar largas ás aspirações de ventura que um dia acaso sonhou. Outros há que partem, pela inconstância e receio do dia de amanhã

Está neste número o honesto operário surrador, José M. d'Almeida, que veio oferecer-nos o seu abraço de despedida—ele que como presidente da associação da sua laboriosa classe tantas vezes a guiou, com intelligência e com acerto, nos seus movimentos reivindicadores.

—E era forçoso que partisse? Talvez... para não assistir ao espectáculo dos seus companheiros que esmolejam.

Um voto

A «Associação do Culto da Arvore», cuja sede central é em Lisboa, teve a amabilidade de enviar a este jornal um lisonjeiro officio onde se mostra reconhecida por aqui termos feito propaganda no sentido de incutir amor à Arvore.

Servir uma ideia generosa e bella e patriótica—como é a que se traduz no culto à Arvore—é dar satisfação a um pensamento tam delicado e carinhoso que outro incitamento se escusa, além deste: a satisfação que sempre se colhe em fazer obra útil.

Entanto, arquivamos a gentileza da patriótica colectividade.

O indulto

Bem diziamos nós que a República era um regimen de autoridade e de força, mas também de magnánima justiça e de perdão. Vejam: Perto de trezentos presos politicos foram indultados—quando cá fora ainda se urdem tramas conspiratórias contra a sua instabilidade!

Dêsse grande número de criaturas que não ser restituídas à liberdade, predominam aqueles pacíficos da aldeia, os simples, os rústicos, que sofrem a tara secular da obediência inconsciente e animal—ao padre, de quem confiam a alma, e ao patrão, de quem recebem a códeas.

Abençoado acto da Republica!

O parto

Um cronista de Vizela para o «Jornal de Noticias» discorre a conveniência de a povoação aproveitar o monte de S. Bento para fazer d'ele... uma espécie de Bom Jesus do Monte.

Foi o mesmo critério que norteou os primeiros entusiastas pela Penha, e errado éle foi, pois não há que copiar, mas que promover planos de adaptação local, e muito menos quando se diz para copiar «passos» em forma de moinhos... sem vela.

O célebre!

A corporação policial, desta cidade, comemorando a passagem aniversária da Republica, pôz em festa o pátio da esquadra adornando-o com trofeus, bandeiras e luminárias, fazendo respectivamente exposição de diversos instrumentos da «honrada» arte de furtar, bem como outras «gentis» lembranças adquiridas aos mais frequentes hóspedes da casa.

Tudo isto tornou, como é natural, muito visitada a esquadra, molestado-se todavia muita gente com um singelo pormenor da exposição—que era figurar entre a galeria dos criminosos, Paiva Couceiro.

12 Mas então não é porventura criminoso quem tem promovido no país tanta inquietação, só pelo intuito vilíssimo de fazer voltar este povo a um passado de ignominia e de desonra?!

Criminoso... e celebre!

Trabalhando

O Código de Posturas Municipais deste concelho que conta para cima de 30 anos, urgia, desde há muito, que fosse remodelado no sentido de o actualizar, satisfazendo consequentemente novas necessidades que as conquistas do tempo indicam.

Neste propósito sabemos que trabalha o cidadão presidente da Comissão Administrativa, Mariano Felgueiras, a quem, justiça é diz-lo, não falta critério nem intelligência para levar a cabo obra de tal estrutura.

Atraz de vozes

Na Suécia há missões anuais que se destinam ir à cata de vozes para cultivar nos conservatórios da especialidade.

—Se Vidago ficasse na Suécia, bem nós sabíamos quem se escurtaria...

Assim, perde-se uma vocação... para o dô de peito.

As aparências

Lêmos algures este conselho velhaco: — «Comas embora sardinhas, mas uses sempre luvas!»

Dissolvente parece a doutrina que exprime semelhante conselho; éle encerra, todavia, um tal poder de lógica que a gente até espanta como haja ainda quem sustente o provérbio—«que o hábito não faz o monge».

¿Pois não é certo que o mundo vire ainda muito de exterioridades?

Faça-lhe por sua vez a vontade quem não aprendeu a ser... um rebelde.

Jornais e Revistas

Recebemos o 7.º numero do boletim mensal da Câmara do Comércio e Industria do Rio de Janeiro; o «Vegetariano», revista da Sociedade Vegetariana Portuguesa; o «Ourives», quinzenário da classe do Porto; a «Troça» idem de critica teatral; o «Automobilista», mensaria revista que se publica em Lisboa.

Agradecimentos.

Descanço das farmácias

Está aberta no próximo domingo a farmácia Dias.

O Garoto de Paris

3000 metros

Fita de grande sucesso

Domingo,

12 de Outubro.

DA NOSSA TERRA

O "Arco-da-Velha,"

(Conclusão)

A's azenhas do Brocas — um misántropo selvagem que moradia iras daninhas com ter perdido a mulher, do adultério — já a pequenina nuvem negra de longe havia alastrado extraordinariamente, de modo a cobrir todo o fundo endurecido e monótono de horizonte. Agora era o sol que surgia a toda a imensa margem desse pano de veludo sombrio e pesado, debruando-o de oiro numa fulguração tam viva e pertinaz como o reflexo insidioso de uma lâmina. No pinheiral que subia do rio verde ao montado fronteiro, as ramarias espessas envolviam-se na luz empoada de cinza, quietas e tristes, num pronúncio da noite... Uma estrela surgiu sobre os olmeiros do vale distante, entre um rasgão de nuvens desmaiado e celeste. Galos de inspiração, pelas devezas caladas, cantavam... E ás raparigas, cansadas de galgarem montados e vales sob a ducha pertinaz do sol escaldante, vergava-as agora a fadiga, e já sobre os seus rins, numa impressão ardente e dorida, as roupas pareciam cortá-las a golpes profundos de instrumento. Numa perturbação da atmosfera pesada e calorosa, com que o espaço se esverdeava, da filtração tênue do sol, desenrolilharam, afitas, os lenços de algodão, que lhes mordiam o pescoço gordo e suado. E foi dessa hora de pasmo e sêdes que uma delas, a quem o sangue picava a pele, como um crivo de espinhos, num violento desasossego de herpética, lembrou sorrindo, sem que reflectisse nos perigos da trovoadas a desabar, lançarem-se ao rio, lá ao deante, entre os salgueiros do Brócas, que quasi fechavam uma ilha, a mais escondida do sítio.

— Não há perigo... Vós vereis!...

— E os homens que andam na cava?...

— Nem uns, tólas!... Por ali não há...

Pensaram, duvidosas... Mas de repente, todas as três, como de um só impulso, desataram a correr, gritando e rindo, pelo caminho de ervas secas que por longo espaço acompanhavam o rio.

— O' Luiza, espera!... ; espera por mim!...

A' porta do moleiro, triste na escuridão interior, que apenas se iluminava com um quarto de janela, pelo sol filtrado atravez as vides, ouvia-se dentro a mó do Brocas correr e morder o pão dos cavadores, atalegado à rasa. Em correria desordenada, fazendo voar os lenços, iam já longe quando a primeira fêz alto, lançando o corpo à terra, para se despir. Em redor tudo eram verduras, nos salgueiros que esperavam a linha indolente e incessante da água; nas silvas espessas e enraizadas, cobrindo a longa margem do rio estreito e como que abraçado da paisagem; nos tufos de carvalho, jortando das fundas a meio da corrente, que abriam sobre a água verde um punhado de folhagem ainda mais verde e viçosa.

Mas de súbito, pelo espaço, com durezas de bronze e aveludada, de onde em onde, nos farrapos escuros das nuvens, immediato a um relâmpago um trovão estalou e revoou, soturno e enorme, fazendo esquecer ao arvoredado velado e triste o coração irrequieto, que agora se tomava dum pavor infantil. Com remorso e pudor, as raparigas apertaram sobre os seios e o ventre, já desnudados, as roupas de chita, comprimidas a monte. Por um momento ouviam-se os corações bater, bater

anciosos à tábua do peito que os fechava, sentindo toldar-se lhes a vida. E logo veio o vento, que marulhou nas árvores dum redor, dobrando-as, arrepiadas, numa ondulação de frio e monotonia; e uns perigos de água, ligeiros, que incertamente bateram no leito do rio, tornando-o mais indiferente e soturno.

— Vamos, Luiza... Vai chover! — rogava uma delas, procurando as roupas.

— Mas tu tens medo? Olha! — e correu para o silvado, despenhando-se no rio, onde o seu corpo forte e claro começou cortando sob a água, aveludado pela corrente, como uma rã desenvolvida e feliz. O movimento andacioso da Luiza, formado de todo o impulso da sua vida nova e ligeira, renovou nas companheiras a já apagada alegria pelas águas verdes do rio; e logo os dois corpos, conjuntamente abatidos na água, como um fardo pesado, largaram nadando em direcção á rocha colmada de folhagem, que impertigara, muito vestida e redonda, a meio da ilha.

Agora nuas e todas brilhando no ventre forte, nos seios altos e nas pernas lisas e duras, da sua mocidade, e a luz de prata coada atravez a folhagem rendada dos choupos, elas riam uma das outras, olhando interessadas as formas grandiosas dos seus corpos, nos quais para cada uma das outras havia uma novidade ou um equívoco, singluríssimos. Duma, eram as ancas modelares, que as folhagens agora roçavam, como estreitando-as; doutra, mais redonda e clara, era a firmeza dos seios curtos e gordos, todos doirados de côr e arreigados de veias finas e numerosas, como raízes; e da outra, daquela única que toda se reclinava sobre o frouchal verde e macio das ramagens de carvalho, na lapa, dessa era o ventre redondo e liso, que tam lindo lhes parecia, moreno e espelhado como um bronze.

O dialogo e as gargalhadas alongavam-se, tanto que já os seus corpos, inclinados nas ramas verdes e tenras, haviam enxugado e perdido o brilho límpido de estâncias, quando uma flexa esverdilhada de relâmpago, subitamente lançada no ar melancólico e pesado, se reproduziu na água deixando a paisagem como envolta numa tristeza maior. Cobrindo o seio com os braços nus, as três raparigas empalideceram, silenciosas e trémulas, da vibração forte e instantânea do relâmpago verde e desaparecido. Ao longe, já muito mais longe e para o norte, passados momentos, um trovão estalou e reboou, torculento e vario. Nova carga de chuva picou na água umas ondulações incertas, e as árvores varejavam de novo, de vendaval, num ar frio e monótono. Mas eis que novamente o sol rompe, atravez um pano sujo de nuvens, a que já se sucedem longas mostras de céu calmo e luzente. Parecera um aviso de bonança aquela projecção duma faxa extensa e baça, ligeiramente empoeirada de oiro. E já outra vez alegres e com as carnes cortadas de fadiga e calor, as raparigas se inclinaram no rio, mergulhando na corrente verde e lisa os corpos novos e duma vida irrequieto e ligeira.

Foi então que, a meio da corrente, a Luiza gritou, subitamente sacudida e feliz! As outras, erguidas de repente, ao estranho alvorço dos seus brados alegres e com a água escorrendo-lhe dos ombros, ficaram quietas e olhando ao longe, lá para onde ela an-

ciosamente apontava, atraídas pela beleza singular das côres esbatendo-se sobre os salgueiros molhados e reflectindo em baixo, ao fundo da aveludada e verde quietude do rio.

— E' o Arco da Velha! — exclamou outra vez, tomada de admiração.

E logo ao lado uma das outras aconselhou, num riso de instinto: — E' noite. Vamo-nos. Olhai que o vento torna quente... Deixai lá...

— Não. Eu vou até além! — retorquiu a Luiza, apontando o sítio, nas ondulações distantes do rio, onde se projectavam as côres violentas do iris.

— Não, maluca! Não queremos. Podem ver-te do moinho do Brócas ou acontecer-te alguma coisa...

— Qual!... O Brócas a esta hora está como um carro, a pensar na mulher. Vinde comigo!

E abateu o corpo na corrente, branco de flores, que logo começou a cortar sob a água que se aterciopelava com a sua nudez

inocente, a caminho do grande efeito luminoso, na distância.

As outras, a meio do rio, viam-na chegar junto das côres que doiravam lá diante o lume da água, onde os seus cabelos pareciam, já, tornados numa rama de lume, e os braços claros brilhavam como o aço.

Mas, de súbito, uma gritou, gritaram mais as duas, de mãos afitas apertadas na frente, quando os dois seios passaram confundidamente à tona da água batida do sol e os seus braços agora lutavam como grandes remos anciosos.

— Luiza! Luiza!

— Nossa Senhora!... Foge!

Luiza!

— Acudam! Acudam! — gritavam, correndo para a margem. E á noite, quando a lua de Agosto, redonda e de bronze, passou abstractamente sobre os salgueiros e as águas, ia um protesto de ódio de cada coração camponês para a ínsua maldita!...

Alfredo Guimarães.

"O livre-pensador não pode ser conservantista,"!

A propósito do 17.º Congresso do Livre-Pensamento reunido em Lisboa

Constitue um bem justificado motivo de orgulho para o nosso país a circunstância de nêse se haver realizado o 17.º Congresso do Livre-Pensamento—a grande assembleia internacional que teve as mais altas adesões do mundo culto.

Como o vulgo tem uma idea falsa e incompleta sobre o que seja ser livre-pensador, achamos azada a conjuntura para lhe oferecer a opinião de Heliodoro Salgado—um dos precusores do livre-Pensamento em Portugal em 1904.

«O livre-pensador é aquele que pode educar o seu espirito de forma a não aceitar, como verdadeiros principios, alguns que estejam em contradicção com as leis da razão ou com as leis scientificas (que são as da experiencia), e que, por conseguinte, não sacrificam a sua razão á vontade de aceitar doutrinas cujo principal caracter é o da inverificabilidade, doutrinas que reclamam ante a critica o privilegio da intangibilidade. Este é o livre-pensador. E, quando nós reclamamos, como imprescindivel garantia individual, a liberdade do pensamento, queremos com isso significar que a lei não tem direito a opor entraves á livre expressão do pensamento de ninguém, desde que esta liberdade, generalizada, implica para todos um igual direito de critica e de refutação.

«Ora, desde que só é livre-pensador quem se recusa a deixar escravizar o seu pensamento a dogmas religiosos de verdade inverificável e indemonstrável, é claro que os sectários de religiões sacerdotais, que aceitam sem exame a sua pretendida revelação, e sem critica admitem principios que são, não «superiores á razão» como mistérios scientificos, mas contrários ao senso comum, tais sectários não podem ser admitidos nas fileiras do livre-pensamento.

«Seria uma contradicção nos termos.

«Quem «crê», presume saber certas coisas que lhe ensinaram. Mas, como essas coisas são incompreensíveis, resulta que não podem ser objecto de «sciência». «Crer» e «saber» são, pois, termos antitéticos. Para saber, eu exerço livremente a minha actividade inquiridora; para crer, eu submeto a razão, que é a minha aculidade critica, ao ensino que

auctoritariamente me é dado por certos fulanos que a si mesmo se apresentam como portadores do verbo divino, sem que Deus para isso lhes tenha passado procuração bastante.

«Que importa que o crente seja escravo voluntário da sua fé? Nem por isso o seu espirito deixa de ser escravo. Como há de então ser-lhe livre o pensamento, se é elle próprio quem lhe lança algemas?

«Quanto aos «principios politicos e sociais de conservação», muito embora os livres pensadores, quando agremiados como tais, não devam embrenhar-se em disputas politicas e economicas que os enfraqueceriam com divergências ante o inimigo comum — que é o padre, seja qual for o seu deus e seja qual for o seu altar—há todavia um principio que nenhum livre-pensador poderá logicamente rejeitar: é que na História não há ponto final; que o homem progride constantemente; que todas as instituições evolucionam.

«A immutabilidade pertence aos dogmas e ás esfinges graníticas. Porque é livre, o espirito humano agita-se. Eis aí por que o livre-pensador não pode ser conservantista».

Os Jesuitas

Da «Parvónia» jornal publicado em 1899 dirigido por João de Meira.

«Para que serviu o Breve de Clemente XIV, dissolvendo essa raça de bandidos, se mais tarde Pio IX a havia de reunir e de lhe fazer a apoteose no concilio ecumenico de 1869? Percebe-se. Clemente XIV destruiu-a, cedendo á imposição de Portugal, França, Espanha e duas Sicilias; Pio IX restaurou-a, julgando que estava varrido do homem o negro cadastro de crimes que essa terrivel falange cometera por todo o orbe. E elles resurgem de novo, lançam as raizes em todos os cantos do mundo, aprofundam-nas, auxiliados pela apatia dos grandes e pela facilidade com que o povo imbecil se deixa arrastar pelas suas prédicas.

E' preciso energia para os repelir.

«Quem não conhece o perigo aonde está o jesuita? Quem não sabe que esta multidão de corvos, que por aqui esvoaça, obedece a um chefe? «E se este chefe despota fosse por acaso um homem violento, vingativo e ambicioso e que na multidão dos que elle comanda se encontrasse um só fanático, onde está o principe, onde está o particular que estivesse em

segurança sobre o seu trono ou no seu lar? «Se este chefe fosse por acaso um homem vendido a qualquer potência estrangeira, se estivesse facilmente disposto, por caracter ou arrastado por interesse, a misturar-se nas coisas politicas, que mal poderia fazer? «Quem ignora por ai quais foram as causas da expulsão da Companhia, de Anvers, em 1578, da cidade e estado de Veneza em 1606, da Boémia em 1618 e da Moravia em 1619? «E quem nos diz que não poderá succeder hoje, em Portugal, o que succedera nos outros estados? Certamente já estais esquecidos de Gonzalez Silveira supplicado no Monomotapa e da infame conspiração tramada por Malagrida, Matos e Alexandre. Deixai, deixai-os fecundar. Deixai que elles arrebatem ás mães desorientadas, que fecham os olhos aos infames atentados em Lille, as crianças puras e inocentes que vão fomentar no antro jesuitico e onde lhe aniquilam os sentimentos de amor aos pais bradando-lhe de continuo: Quem ama o pai ou mãe mais que o Cristo, não é digno de ser possuido por esse mesmo Cristo. Deixai livres os hipócritas que de baixo da maior humildade escondem o maior orgulho.

Jesuitas!... «E afinal o que é o Jesuita? E' um padre secular? E' um padre regular? E' um leigo? E' um religioso? E' um homem de comunidade? E' um monge? E' alguma coisa de tudo isto, mas não é isto.» O jesuita não é nada disto, não; constitue sómente uma seita de ímpios, fanáticos e regicidas, como passo a mostrar, trasladando o resumo cronológico da história dos jesuitas, que apresentou o decreto do Parlamento de Paris de 6 de Agosto de 1762, inserido no artigo «Jesuites» da Enciclopedia, dirigida por de Alembert e Diderot, e em seguida ao qual foram expulsos os jesuitas de França.

Em 1547. Bodabila, um dos companheiros de Inácio, é expulso da Alemanha por escrever contra o Interim de Augsbourg.

Em 1581. Campian, Skerwin e Brian são condenados á morte por terem conspirado contra Isabel de Inglaterra. No curso do reinado desta grande rainha, houve cinco conspirações tramadas pelos jesuitas contra a sua vida.

1588. Vêmo-los animar a liga formada em França contra Henrique III. No mesmo ano, Molina publica umas loucuras prejudiciais sobre a concórdia da graça e do livre arbitrio.

1593. Barriere é incitado pelo jesuita Varade a apunhalar o melhor dos reis.

1594. Os jesuitas são expulsos de França como cúmplices do patricio de Jean Chatel.

1598. Corrompem um sclerado, ministrando-lhe numa das mãos o seu Deus e na outra entregando-lhe um punhal para ir assassinar Maurício de Nassau.

1604. A clemência do cardinal Frederico Borromeu os expulsa do colégio de Braida por crimes que os deveriam conduzir á fogueira.

1610. Ravailac assassina Henrique IV. Suspeitam que foram os jesuitas quem lhe dirigiu a mão.

1631. Seus tramas sublevaram o Japão, e a terra é regada, em toda a extensão do império, com sangue idolatra e cristão.

1643. Malta, indignada com a sua depravação e cobiça, expulsou-os.

1646. Fazem em Sevilha uma bancarrôta que precipita na miséria várias familias.

1713. O jesuita Jouveny, numa história da sociedade, ousa instalar, entre os mártires, os assassinos dos reis: os magistrados mandam queimar a obra.

1723. Pedro, o Grande, não encontra meio de tranquilizar os estados senão com a expulsão dos jesuitas.

1735. O escandaloso Tournemine prega, num templo, em

Caen, deante dum auditorio cristão, que é incerto que um Evangelho seja uma Escritura Santa.

1745. Pichon prostitue os sacramentos da Penitência e da Eucaristia e abandona o pão do santo a todos os cães que o pediam.

1757. Um atentado é cometido contra Luis XV por um homem que viveu no meio dos jesuítas e que estes homens protegiam.

1758. O atentado, promovido pelos jesuítas, contra D. José I de Portugal.

1759. Toda esta tropa de assassinos é expulsa de Portugal.

1761. Um desta companhia, depois de se ter apoderado do comércio de Martinica ameaça duma ruína total os seus correspondentes.

Belas obras! Grandioso exemplo! Corja de infames que exploram o Cristo para realizarem o seu ideal, o domínio do universo pelo meio da religião. Caminhai, caminhai, que talvez vos ajudem o temor ou desleixo do governo e a beatice duma rainha.

REPORTAGEM

REGRESSOU a esta cidade, das suas propriedades em Gondomar, o sr. Abel Cardoso, professor de desenho da Escola Industrial Francisco de Holanda.

OS gráficos do estabelecimento onde é impresso este periódico, tiveram no passado sábado um jantar, comemorando a data do terceiro aniversário da «Alvorada», que passou no último número.

ESTÁ definitivamente assente que as eleições que se realizam em Novembro próximo, se efectuarem em 16 de deputados, em 30 as camarárias, e em 7 de Dezembro as paroquiais.

ILUMINAÇÃO em 12 globos eléctricos que foi colocada na Praça de D. Afonso Henriques, foi inaugurada no passado domingo, produzindo um belo efeito.

EMPRESA cinematográfica «Central Chantecler», que funciona no Teatro Gil Vicente, exhibe no próximo domingo a fita de grande sensação **O Garoto de Paris**, em 3.000 metros, 7 actos e 176 quadros, que nas cidades de Lisboa e Porto, grande êxito tem alcançado.

OS restantes bilhetes que se encontram a venda nas casas de Eduardo, Sobrinho, à rua de Gil Vicente, e Pires, à rua 31 de Janeiro, estão quasi todos esgotados.

FÊZ ontem três anos que foi proclamada a República em Guimarães, havendo, por esse motivo, iluminações na Câmara Municipal, Centros Democrático e Republicano.

BREVEMENTE teremos a visita oficial a esta cidade do illustre governador civil deste distrito, sr. João Soares.

RECOMENDAMOS às autoridades locais para mandarem exercer rigorosa vigilância na rua de Paio Galvão, onde a vadiagem campeia diariamente nos estabelecimentos comerciais, tendo-se dado diversos roubos praticados por êsses malandrins.

A comissão de Assistência Judiciária ficou assim constituída: Manuel Ferreira Guimarães e José Rodrigues Leite da Silva.

As sessões effectuar-se-ão todas as quintas feiras, não sendo dias feriados, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca.

ENCERROU-SE ontem o Congresso do Livre Pensamento, que este ano se realizou na cidade de Lisboa.

Mudança à vista

Será uma completa revolução na química. Isolemos por exemplo a luz ultra-violeta duma lâmpada de mercúrio (e basta um prisma para separar os raios visíveis dos invisíveis) que dirigimos sobre um recipiente contendo hidrogénio: um momento depois este gaz tornou-se água! Por isso, o que nos impede de entrever o dia em que, transformando assim o hidrogénio, de que o ar atmosférico é um reservatório inesgotável, ao contacto do oxigénio, nós criaremos a água que nos falta nas longas planícies do Alentejo e das colónias?

«Amanhã mesmo, quem sabe?, vamos talvez comer pão «à ultra-violeta». . . Porque, sob a influência das radiações, o assucar de beterraba desdobra-se em glucose e levulose: ora é este precisamente o resultado habitual da «fermentação»; os ultra-violeta substituem, pois, os fermentos.

O ultra-violeta, actuando sobre a água, produz água oxigenada, isto é um corpo que mata os micróbios. Um engenheiro francês, F. de Mare, adaptando a lâmpada de mercúrio para este uso especial, inventou um «esterilizador» para as águas da alimentação. E' o caminho aberto para a esterilização dos vinhos, quasi resolvida já, e sobretudo para a do leite.

O preço duma descoberta

Estes raios químicos, cujas maravilhas admiramos, tornam-se depressa nocivos e perigosos.

As mãos do radiografo Vailaut, de Lariboisière, vão caindo pouco a pouco queimadas pelos raios X. O dr. Inproit, da Salpêtrière, sofreu há dois anos a amputação dum dedo. No hospital de Mans, em 1911, o dr. Boëtan morreu duma espécie de cancro provocado pelas radiações. E que dizer desse herói inglês, Hall Edwards que, tendo-se dedicado em 1895 ao estudo dos raios de Roentgen, não os quer interromper apesar de ter já deixado, por causa dêles, aos cirurgiões a mão esquerda, depois o ante-braço e depois ainda a metade da mão direita!

Os ultra-violeta do rádio eusaram numerosas feridas nos primeiros experimentadores, devendo citar-se o estranho ferimento de Becquerel por haver trazido—trinta e quatro diascentes!—no bolso do colête, um bocado do mero metal.

As radiações obscuras das lâmpadas de vapôres rarefeitos ferem, no laboratório de Orange, os colaboradores de Edison, matando já um dêles, enquanto o velho inventor, pelo longo contacto, ficou surdo e quasi cego.

São acidentes excepcionais, mas importa fixar a todas as fontes de iluminação, tanto a vela como a lâmpada eléctrica, emitem raios invisíveis. Não as devemos por isso nunca fixar, pela mesma razão com que não encaramos o sol de frente. Sendo preciso, usemos lunetas de vidros um pouco amarelados, a côr do meio do espectro, para affrontarmos essa luz invisível, ao mesmo tempo cruel e prodigiosa—o ultra-violeta.

Federação das Associações Operárias de Guimarães

Reuniu na última terça-feira a Federação das Associações Operárias, presidindo o delegado dos Alfaiates, secretariado pelos delegados dos Marceneiros e Alfaiates.

Depois de lida e aprovada a acta da assemblea anterior toma assento o novo delegado dos Cortidores Manuel Machado.

O delegado dos Alfaiates informa a assemblea de que, por

informação particular, a Associação de Classe dos Empregados de Comércio já tinha nomeado delegados à Federação; os delegados presentes congratularam-se com a informação, esperando a Federação a parte oficial.

Sobre as reuniões de propaganda contra a carestia de milho e gêneros de primeira necessidade, usaram da palavra diversos delegados, ficando definitivamente resolvido a primeira reunião effectuar-se na sede dos Cortidores e Surradores, pelas 9 horas, e no Pevidem às 15 horas. Fazem uso da palavra nestas reuniões os operários Inocêncio Guedes Casais, pela Federação do Porto; Manuel da Silva Ribeiro, Rafael da Rocha Guimarães, Luis Garcia Martins, João Fernandes de Macedo e Albino Bastos, pela Federação desta cidade, e José Marques Aveiro, pela Indústria Textil.

Lida uma circular do Concelho Central do Partido Socialista Português, pedindo donativos para o monumento a Azedo Gneco; resolvido baixar às Associações federadas e a Federação promover uma subscrição para tal fim.

O delegado dos Lavradores apresentou uma proposta que ficou para a próxima assemblea federal.

Faltaram à chamada os delegados das Quatro Artes.

A próxima assemblea realisa-se na sede dos Operários Fabricantes de Calçado, à rua da Republicana.

Câmara Municipal

Sessão de 10 de Setembro de 1913

Presentes os cidadãos Guimarães, Abreu Guimarães e Vitorino Sampaio, presidindo o cidadão Mariano da Rocha Felgueiras.

Balanço

O balanço dado na semana finda acusa os seguintes saldos:

Em depósito na Caixa Económica, 5:000,000; idem, na Caixa Geral dos Depósitos, 3:686,17; dinheiro em cofre, 3:042,704,5.

Ofícios

Do Ministério do Fomento, solicitando o projecto instruido nos termos do art. 35.º do Regulamento das concessões de licenças para o estabelecimento e exploração de instalações eléctricas, do estabelecimento do Internato Municipal; à Repartição das Obras Municipais para elaborar o projecto solicitado.

—Do chefe dos serviços da Caixa Geral de Depósitos participando que o saldo da conta de depósito do fundo da viação municipal deste concelho era, em 30 de Junho último, de 2.112,747 de capital e 24,790 de juros; inteirada.

—Do presidente do Conselho de Arte e Arqueologia, enviando o parecer da Comissão dos Monumentos, respeitante ao officio que esta comissão lhe dirigiu em 31 de Julho deste ano; inteirada.

Requerimentos

De António de Carvalho Rebelo Teixeira Cirne, pedindo licença para reparar um prédio da rua de Val de Donas, com frente para a rua 31 de Janeiro; concedida.

—De Henrique Cardoso Martins de Menezes, de Mesão Frio, pedindo licença para concertar e elevar um antigo muro de vedação e reconstruí-lo, em parte, na coutada da quinta que possui naquella freguesia; concedida.

—De Joaquim Mário de Sá, pedindo licença para colocar na frente do seu consultório uma tableta em forma de fita com uma dentadura reclamo; concedida.

—De António de S. José Alves Ribeiro, de Polvoreira, pedindo licença para vedar, com pared, uma propriedade que possui no

lugar do Montinho, e bem assim construir uma servidão para a estrada municipal; concedida.

—Aprovou o projecto e orçamento para a obra de reparação e melhoramento do caminho público da freguesia de Fermentões, deliberando executá-lo por administração própria.

—Foram presentes duas participações da Comissão Paroquial da freguesia de S. João de Airão, dando conhecimento que existindo de há muitos anos uma fonte pública no lugar de Contença, donde se abastecem de água os moradores daquele lugar, João de Oliveira, do lugar do Assento, não só a vedou ao público como também a inutilisou; a Câmara resolveu mandar por operários ou empregados seus retirar as pedras que o caseiro da aludida quinta pôz na boca da mina e obstem ao uso da fonte.

Encerrou a sessão às 15 horas.

A RAZÃO DUM PADRE

O bom senso, do Cura Meslier

A teologia é uma ciência que só tem por objecto coisas incompreensíveis. Ao invés de todas as outras sciências, não se occupa senão do que não possa ferir os sentidos. Hobbs chama-lhe *reino das trevas*. E' um país onde tudo segue leis opostas àquellas que os homens são levados a conhecer no mundo que habitam. Nesta região maravilhosa a luz não é senão trevas; a evidência torna-se falsa ou duvidosa; acreditável o impossível, a razão um guia infiel, que se transforma em delirio.

Tem esta sciência o nome de *teologia*, que é um perpétuo insulto à razão humana.

A' força de amontoar os se, os mas, os quem sabe, os pôde ser, chega a formar-se um informe sistema, desconexo, só apto para perturbar o espirito humano, a ponto de lhe fazer esquecer as mais claras noções e de lhe tornar incertas as verdades mais demonstráveis.

Com a ajuda deste sistemático imbróglío, torna-se a natureza inteira um indecifrável enigma para o homem; o mundo visível desaparece, para dar lugar a invisíveis regiões, e a razão, obrigada a ceder o lugar à imaginação, faz com que esta nos guie para o país das quimeras.

O homem não nasce religioso nem deista, e contudo alguns doutores asseguram que a idea de Deus lhe é inata, ou que tem esta idea desde o ventre materno!

Ora, não é possível ter ideas sobre um ente que não actua sobre sentido algum, quando, aliás, todas as nossas ideas, são representadas por objectos que nos ferem os sentidos.

¿O que nos pôde representar a idea de Deus?

Uma idea sem objectivo, tam impossível como o efeito sem causa, e uma idea sem prototipo não passa duma quimera.

Todo o principio é um caso julgado, e todo o julgamento é o efeito da experiência. Ora a experiência só se obtem pelo exercicio dos sentidos.

Depreende-se que os principios religiosos não actuam evidentemente sobre o nada, e portanto não são inatos.

Todo o sistema religioso só pôde ser fundado na natureza de Deus e na do homem, e nas relações que entre êles subsistem.

Mas, para julgar da realidade destas relações, seria necessário ter alguma idea sobre a natureza divina, e todo o mundo clama que é incompreensível a essência de Deus, não cessando ao mesmo tempo de lhe consignar attributos incompreensíveis, assegurando que o homem não pôde deixar de

reconhecer esse Deus, impossível de conceber na sua essência.

De modo que, o ponto mais importante é precisamente aquele que se torna impossível de conceber, e, se Deus é incompreensível, parece que seria razoável deixar de pensar em tal; mas a religião remata que o homem não pôde, sem crime, deixar um momento de pensar em Deus.

A religião liga o homem a Deus, ou o põe em relação com êle, entretanto diz-se que Deus é infinito.

Se é infinito, um ser finito não pôde ter relações com êle, e onde não há relações, não pôde haver união, nem ligações, nem deveres.

Se não há deveres entre o homem e o seu Deus, para o homem não existe religião.

Deste modo, dizendo-se que Deus é infinito, aniquila-se desde logo toda a religião para o homem, que é um ser finito, e, portanto, a idea do infinito é uma idea sem igual, sem prototipo e sem objecto.

Agradecimento

António Teixeira Lopes, guarda da policia civil desta cidade, agradece às corporações da policia civil e 1.º cabos de infantaria 20 e a todas as pessoas que acompanharam ao cemitério municipal o cadáver de sua chorada esposa Joaquina Vieira Guimarães.

Guimarães, 8 de Novembro de 1913.

EDITAL

2.ª Publicação

A Comissão Paroquial de S. Torquato, faz público, que está em arrematação toda a obra de carpinteiro do edificio escolar desta freguesia, por espaço de quinze dias, a contar da data de hoje.

Os concorrentes farão as suas propostas em carta fechada ao tesoureiro João Vasco Cardoso Guimarães, do lugar da Corredoura.

As condições podem ser vistas das nove horas da manhã, até às dezasseis horas.

S. Torquato, 28 de Setembro de 1913.

O tesoureiro,
João Vasco Cardoso Guimarães.

Venda de predio

Vende-se a morada de casas em ruínas, situada com o numero 63 na antiga rua de Santa Maria, hoje de Elias Garcia, desta cidade.

Para tratar com o solicitador Jeronimo de Castro, rua da República 28—1 Guimarães.

Consultório dentário

FRNACISCO JACINTO

Cirurgião dentista pela Universidade de Coimbra

Tratamento e conservação dos dentes, dentaduras artificiais, coroas de ouro e dentes a pivot.

Extracção de dentes sem dor. Praça de D. Afonso Henriques, 6 (antigo Toural).

Horário dos combóios

Ascendentes

ESTAÇÕES		* Rápido		* Correio		* Domingos e dias fer.	
		Diário	Dias úteis	Diário	Dias úteis	Diário	Dias úteis
Linha de Guimarães	FAFE	P. 3,00	7,15	12,28	16,05		20,23
	Guimarães	P. 3,53	8,08	13,21	16,58		21,10
		P. 4,01	8,16	10,49	13,20	17,07	19,57
	Vizela	P. 4,21	8,33	11,13	13,49	17,30	20,18
	Lordelo	P. 4,33	8,43	11,25	14,00	17,42	20,30
Linha de Minho	Negrellos	P. 4,47	8,54	11,41	14,14	17,57	20,44
	Santo Tirso	P. 5,08	9,13	12,02	14,35	18,19	21,04
	Trofa	P. 5,27	9,30	12,23	14,54	18,39	21,25
		P. 3,23	6	7,55	13,20	15,25	16,40
	Viana	P. 5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19
L. da POVOA	Braga	P. 6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04
	TROFA	P. 7,39	9,44	12,41	15,54	18,57	21,47
	Porto	P. 8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,08
		P. 5,51	9,46		15,05	19,58	
	Braga	P. 7,44	11,15		15,58	21,29	
L. da POVOA	Viana	P. 8,31	11,47		16,26	22,33	
	Valença	P. 10,50	13,19		17,31	0,17	
		P. 8,51	13,54		17,20	23,10	
		P. 8,35		Expresso	Rápido		
	Porto	P. 14,31		15,48	17,54	19,57	
			1,13	23,53	0,25		

Descendentes

ESTAÇÕES		* Rápido		* Correio		* Domingos e dias fer.	
		Diário	Dias úteis	Diário	Dias úteis	Diário	Dias úteis
L. da POVOA	Porto	P. 18,55	21,35	21,35	8,30		
	Lisboa	P. 0,32	7,35	7,35	14,19		
L. Minho		P. 4,30	7,20	7,44	8,43	14,18	17,10
	Trofa	P. 5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50
		P. 5,51		8,36	9,46	15,05	17,52
	Braga	P. 7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58
	Viana	P. 8,31	10,25	11,47	16,26	19,20	22,33
L. da POVOA		P. 10,50		13,19	17,31		0,17
		P. 8,03		13,35			16,35

* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha e Cepães.
 • Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
 • Idem em Madalena, Covas e Cepães.
 • Idem em Espinho, Madalena e Covas.
 •• Idem em Cepães.
 As designações no xadrez das colunas referem-se aos combóios de Guimarães, exclusivamente. Os combóios da Póvoa são diários.
 As comunicações com Lisboa fazem-se em Campanhã.

Livraria editora GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Últimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A dama das caméllas, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um belo, de Escrich (2.ª ed.)—73 e 74. A obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Escrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi.—85 e 86. A hêsta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis—14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Últimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII e IX. Amores de Fabulas.

Instituto Médico-Dentario

Rua Formosa, 331—PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR LOPES DA SILVA cirurgião-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS (TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA

PLATINA E CIMENTO

DENTES A PIVOT

LIMPEZA DOS DENTES

OPERAÇÕES SEM DOR

OBTURAÇÕES A OURO

COROAS DE OURO

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário, João Vellozo de Araujo.

Antiga Merceria e Confeitaria

Da Porta da Vila

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, frutas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora 24, Rua da República, 28—GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial. Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde.

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadissimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

Interesses no Brazil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

ALVORADA SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional	"
Número avulso	80 "	Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Do Cidadão